

BOOK REVIEW

RESENHA DE LIVRO

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p.

Leonardo Rocha de Faria
Mestrando do Instituto de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia
leonardo_faria@netsite.com.br

Toda ciência tem o seu objeto de estudo. Partindo desse princípio, cada grupo de conhecimentos passa a ser sistematizado e organizado em função de um tema que norteia todo o processo de construção de determinada disciplina; dessa forma, a mesma adquire sua autonomia e configura-se de forma destacada na cognição de cada pessoa.

Com a Geografia não é diferente. Para ser uma disciplina autônoma e propor um conhecimento bem estruturado, tem por objeto o espaço. Feito esse importante reconhecimento do objeto a ser estudado, passa-se ao entendimento do mesmo, observando sua complexidade e sua real influência sobre as questões concernentes à disciplina em questão.

Dentre muitos geógrafos preocupados com o entendimento pleno do objeto de estudo, Milton Santos se destaca, expondo de forma abrangente, importantes considerações inerentes ao espaço geográfico, levantando hipóteses que fluem sempre para uma concepção precisa e clara, fazendo com que o assunto torne-se familiar a quem o estuda.

Em sua obra intitulada "A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção", ele vem justamente levantando todas as nuances do espaço geográfico, além de relacioná-lo intimamente com seus agentes formadores e influenciadores. Ao longo do livro, Santos aborda a importância de elementos na configuração espacial, sobretudo a relação com o tempo e o desenvolvimento e aplicação da técnica, ambos importantes atores no ato de compreensão do espaço.

Antes de qualquer coisa, vale lembrar que os conceitos geográficos expressam níveis de abstração diferenciados, e conseqüentemente, diferentes possibilidades operacionais. Além disso, pode-se partir do princípio de que a Geografia como área de conhecimento, expressa, desde a sua autonomia, uma preocupação com a busca da compreensão da relação do homem com o meio, o que a tornou diferente das demais disciplinas, mesmo porque a abordagem atual da unidade natureza-sociedade apresenta uma ascendente perspectiva de conjuntividade, ou seja, a Geografia vem ampliando sua esfera de

Recebido em 22/09/2008
Aprovado para publicação em 10/05/2008

conhecimentos e seus métodos de abordagem e isto faz com que seu objeto seja sempre revisto, atualizado e moldado de modo que venha a atender às constantes adaptações do estudo a este mundo que não cessa de se transformar.

Ao longo da história da Geografia, espaço geográfico foi concebido de diferentes maneiras, mas, com Milton Santos, temos uma concepção interessante e que sintetiza bem essa idéia. Para ele, o espaço geográfico constitui "um sistema de objetos e um sistema de ações" que é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. Lembra ainda que nos primórdios da humanidade, a natureza era selvagem, sendo formada por objetos naturais que com o passar do tempo foram sendo substituídos por objetos técnicos, mecanizados, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial funcione como uma máquina.

Observe-se que na concepção de espaço geográfico está contida a expressão de diferentes categorias. Entende-se por categoria palavras ou conceitos "as quais se atribui dimensão filosófica", ou seja, "produzem significado basicamente não de uso coletivo, mas do sentido que adquirem no contexto de sistemas de pensamento determinados" (Genro Filho, 1986, citado por Santos na obra em referência). Essas categorias seriam a natureza, a sociedade, o tempo e espaço, e são justamente essas duas últimas que balizam e orientam a análise de Milton Santos referente ao objeto de estudo geográfico, objeto o qual subordina toda a disciplina geográfica, já que como o próprio Santos enfoca, o objeto é que subordina a disciplina e não o contrário. Por isso, a grande preocupação do autor em abordar e esclarecer plenamente as estruturas desse objeto, de modo que a disciplina subordinada a ele seja também clara e precisa, ajudando na melhor compreensão das relações humanas com o espaço ocupado.

Além da abordagem ampla do espaço, Milton Santos não se esquece de valorizar a questão do tempo e sua estreita relação com o espaço, isto porque são dois conceitos que, embora com naturezas diferentes, estão sempre interagindo e se completando, e é justamente a visão crítica da Geografia, ao romper com a visão de estabilidade, que passa a conceber o tempo como espiral. Neste sentido, o tempo é entendido como seta e ciclo, ou seja, o espaço geográfico se forma (no sentido de formação, origem) e se organiza (no sentido de funcionalidade), projetando-se como determinação ou como possibilidade. Esta projeção se faz por avanços (seta) e retornos (ciclo). Neste contexto, o espaço geográfico é a coexistência das formas herdadas (de uma outra funcionalidade), reconstruídas sob uma nova organização com formas novas em construção, ou seja, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstituído no presente. É justamente esta concepção que permite aos geógrafos, como faz Milton Santos (1997), propor uma nova concepção de tempo-espaço indissociável, nos permitindo uma reflexão sobre espaço como coexistência de tempos. Desta forma, "num mesmo espaço coabitam tempos diferentes, tempos tecnológicos diferentes, resultando daí inserções diferentes do lugar no sistema ou na rede mundial (mundo globalizado), bem como resultando diferentes ritmos e coexistências nos lugares". Constituindo estas diferentes formas de coexistir, materializações diversas, por consequência espaço(s) geográfico(s) complexo(s) e carregado(s) de heranças e de novas possibilidades.

Em inúmeras obras geográficas, o conceito de espaço geográfico expressou-se através da concepção de paisagem, região, território, lugar. Já observamos que Humboldt (1862)

- citado por Santos na obra em referência -, ao falar em Geografia Física, referia-se à paisagem natural. Pensamos poder estabelecer diferenças entre esses conceitos. A expressão do geográfico encontra-se representada no conceito de espaço geográfico, adotando a conceituação de Milton Santos (1997). Este conceito expressa a articulação entre natureza e sociedade. Cabe, porém, perguntar: a que natureza se refere o autor? Trata-se, neste caso, de uma concepção de natureza denominada de natureza artificial ou tecnicada. Para Milton Santos (1997), o período atual, período "Técnico Científico Informacional" não nos permite pensar a natureza como primariamente natural, ou melhor, como decorrente de processos que advêm exclusivamente de sua auto-organização.

Ao longo de sua obra "A natureza do espaço", Milton Santos enfoca não só a técnica atuando na construção do espaço, como também aborda a questão do território e sua relação ontológica com o espaço, já que esse território é visto como uma extensão do espaço, extensão concretizada com a interação exposta através de um outro elemento importante: as ações, que junto com objetos articulados e atos integrados em um sistema, produz o espaço. Trata-se, porém, de uma ação que se exprime e se realiza no objeto, este, com autonomia de existência, mas não de significação, se vê com a tarefa de interação; nessa perspectiva, a intencionalidade provoca um efeito importante, uma vez que as ações humanas convergem para a significação maior do objeto, tem-se assim, a relação sujeito-objeto. Relação a qual se mostra também como importante agente na construção do espaço, uma vez que sem ação não há objetos. E sem objetos a serem produzidos, as ações seriam esvaziadas, o que empobreceria bastante a produção do espaço.

Voltando à questão da técnica, na verdade, a protagonista dessa obra de Santos, ela é vista como a principal forma de relação entre o homem e a natureza e, representada por meios instrumentais e sociais, produz e cria o espaço. Inicialmente relegada ao segundo plano, a técnica foi crescendo e se impondo à sociedade, de modo que atualmente, já um conceito melhor abordado. Por isso a preocupação do autor em destrinçar o conceito e o significado da técnica, já que ela participa ativamente da produção e re-produção espacial. Essa importância tem sua gênese na própria aplicação da técnica, uma vez que ao estudarmos a evolução da mesma, podemos ter uma análise da história da própria humanidade.

À medida que o homem se relaciona com técnicas mais avançadas, as transformações se dão de forma mais rápida, dessa forma, parte-se de uma época de mudanças mais lentas até chegar aos dias atuais, onde tudo se muda com uma rapidez fenomenal. Parte-se da invenção da roda, que em tempos idos representou uma revolução, passa-se pela Revolução Industrial, que começa tímida com máquinas movidas a vapor, expande-se com a utilização do petróleo como combustível e chega-se à sociedade atual, onde a natureza artificial "rouba" a cena das condições naturais. É a aplicação da técnica, que se faz de modo heterogêneo e extremamente desigual. Com isso, temos um importante elemento para se justificar as discrepâncias entre os diversos países que compõem o espaço terráqueo.

A própria Revolução Industrial abre caminhos para essa diferenciação: as técnicas descobertas nessa época ficaram concentradas na Europa, sobretudo na Inglaterra. Criaram-se assim, espaços industriais dependentes de matérias-primas e por consequência, amplificou desigualdades na divisão internacional do trabalho. Áreas

industriais com maiores possibilidades de desenvolvimento e aprimoramento de técnicas subjugando outras áreas, não detentoras da técnica, mas sim de matérias-primas. Nessa relação fica clara a supervalorização da técnica em detrimento dos bens oferecidos pela natureza: na verdade, de nada adiantaria a técnica se não houvesse o que transformar, mas a superestrutura enfatizou e supervalorizou o aspecto técnico, que junto com o trabalho humano (não menos aviltado pela técnica), passaram a ditar a regionalização do mundo: áreas industriais com alto emprego de técnicas, áreas não industriais, agrárias e com poucos recursos técnicos. No entanto, muitas áreas antes basicamente agrárias, passaram a chamar atenção dos países industrializados, que se viram na obrigação de estender os "tentáculos", aumentando os lucros, inicia-se assim, um tipo de "imperialismo", agora com a máscara desenvolvimentista. Vários países periféricos passaram a receber indústrias nesse período de pós-guerra, e ganharam amplos espaços industriais. Fatores como precárias leis ambientais, sindicalização débil, mão-de-obra numerosa e barata e abundância em recursos naturais, fizeram dessas áreas, regiões emergentes e receptoras de franquias de grandes empresas oriundas dos países centrais.

No entanto, a industrialização, bem sucedida com o tempo, ao trazer progresso acompanhado de melhor qualidade de vida à maior parte da população das áreas industriais clássicas, não provocou o mesmo efeito nas áreas deprimidas, pelo contrário, agravou desigualdades, já que muitas vezes a própria técnica exclui boa parte do trabalho humano, ampliando a massa de desempregados.

Analisando esse breve retrospecto histórico, temos uma comprovação da idéia defendida por Santos de que, realmente a técnica se impõe e se aplica de diferentes formas, tanto no espaço como no tempo, produzindo espaços diferenciados, porém não independentes entre si. Na verdade, espaço, tempo e técnicas convivem juntos e configuram e reconfiguram o próprio espaço.

Hoje, o fator técnica continua desempenhando importante papel na diferenciação de espaços. Os chamados Países do Norte são detentores de técnicas avançadas, as quais não param de se reproduzir e se melhorar, o que lhes dá a garantia de explorar os Países do Sul, usuários de pouca técnica própria; quando produzem alguma técnica, geralmente são processo muito frugais, levando à importação e por conseqüência, dependência de recursos tecnológicos em relação às áreas desenvolvidas. Com a atual fase de Revolução Científica e Informacional, a técnica é principal característica na identificação de uma área mais desenvolvida.

Dessa forma, a técnica e sua implementação acabam por marcar também o tempo. Se as rochas, fósseis, terrenos residuais determinam a idade geológica de um lugar, pode-se afirmar que os tipos de técnicas empregados, suas marcas e seus objetos produzidos dão a idade de um determinado lugar. Cada sociedade produz suas técnicas de acordo com suas necessidades, necessidades as quais vão de encontro com valores e objetivos de uma determinada época. Há assim, constantes redefinições da técnica ao longo do tempo, obedecendo à dialética das necessidades sociais.

É importante observar também que dentro de um mesmo espaço podem conviver diferentes subsistemas técnicos, provenientes de épocas diversas, isto porque, a aplicação de uma nova técnica nem sempre exclui uma anterior. A boa técnica e que também gera bons resultados e produz objetos fundamentais à sociedade permanece

aplicável mesmo com o passar dos anos. Algumas se adaptam às inovações, outras nem tanto, dessa forma, o espaço é feito de variadas técnicas, uma vez que as técnicas atuais podem tranquilamente sofrer influências de técnicas do passado, as chamadas "*reverse salients*". Elas não devem ser confundidas, todavia, com rugosidades, pois estas se manifestam pela complementação de heranças socioterritoriais e sociogeográficas. As "*reverse salients*" ocorrem quando há uma falta de homogeneização no processo de implementação da técnica, o que gera então esses subsistemas técnicos diferenciados num mesmo espaço. Nesse contexto, o modo como convivem as diferentes técnicas de diferentes idades leva a compreensão das formas de vida possíveis em determinada área.

Se há uma técnica dominante sobre as demais, tal fato nos levará a buscar entendimentos sobre os motivos da predominância; se em determinado espaço, vigora uma técnica mais antiga, pode-se inferir que o comportamento social resiste ao novo, e se novas técnicas vêm sobrepondo técnicas mais antigas, seremos levados a concluir pela integração e intento de se permitir a implantação de técnicas mais avançadas, onde se preza mais o que é novo. E é justamente este o rumo tomado pela sociedade atual, inclusive a brasileira. O antigo ultrapassado dá lugar ao novo e técnicas ultrapassadas e que perderam suas reais funções vão sendo substituídas por novas, levando a sociedade a mudanças comportamentais muito bruscas, as quais acarretam também alterações significativas e rápidas dos espaços geográficos.

O autor traz ainda à reflexão a questão do tempo, este visto como elemento auxiliador no estudo da geografia. Tal questão encontra-se ainda controversa no seio das discussões teóricas, mas não há como deixar de se reconhecer a importância e a influência do tempo sobre o espaço e vice-versa. Nessa perspectiva, a frase combatida e ao mesmo tempo utilizada por Santos: "Geografia é a história no espaço e a história é a geografia no tempo", não é de todo incorreta, pois quando se busca o estudo das geografias do passado, inegavelmente se lança mão da história enquanto técnica implementada em um determinado espaço. O avanço das sociedades deve ser visto como um conjunto sistêmico de fatos históricos ocorridos no tempo entrelaçados com fenômenos técnicos, para então se chegar a conclusões sobre a atual situação do espaço geográfico.

A história / tempo seria um elemento contido no fenômeno técnico ou dele seria originador. Veja-se o ciclo repetido nesse argumento: a relação do espaço com a técnica e a relação da técnica com a história. A cada sistema temporal, o espaço muda, conforme preconiza Milton Santos. Para uma melhor assimilação do tempo ao espaço, o autor propõe a empiricização do tempo, tornando-o material, aqui há um explícito reconhecimento do tempo, mas não sem associá-lo à técnica, aqui ela funciona como traço de união com o trabalho humano, dessa feita, tempo e espaço passam a ser parâmetros comparáveis, sendo que o espaço fixa sua estruturação em objetos técnicos. Então, a técnica seria o elo de materialização do tempo para que o utilizemos na compreensão do espaço; nesse contexto, podemos citar o espaço "distância" como objeto das técnicas empregadas na implementação dos deslocamentos, manifestando, nesse processo a idéia de uso do tempo. A relação que se firma então é a definição das técnicas pelo espaço e a partir dessas técnicas, a empiricização do tempo bem como a conferência de sua quantificação.

Outro aspecto importante a ser observado é que, as técnicas estão associadas a planejamentos e ações. De acordo com suas intenções, o homem planeja seu espaço,

principalmente no que tange à circulação. Se hoje o espaço é muito mais dinâmico, é porque a circulação está se dando de forma mais plena e veloz. Na verdade, a tecnologia aumentou os fluxos de comunicação e de transporte, o que acarretou uma expansão do caráter informacional, que modifica o espaço muito mais rapidamente e pede constantes revisões e reavaliações dos modos operacionais utilizados. Voltando aos planejamentos, eles são feitos mediante a utilização de técnicas que detêm conhecimento num determinado espaço de tempo. Os planejamentos e a aplicação dos mesmos, sempre aliados com o fator técnica, indicarão um processo de evolução/progresso ou de total estagnação, ou seja, dependendo da maneira de se planejar a execução e aplicação de técnicas, o destino do lugar pode ser aprazível ou simplesmente desastroso, em muitos casos, a implementação inadequada da técnica compromete definitivamente a estabilidade de um espaço, tornando-o até mesmo inabitável.

É também válido lembrar o caráter simbólico da técnica. O domínio e a aplicação maciça da mesma implicam na estética dos espaços. Quanto mais técnica se emprega, mais se tem uma idéia de espaços desenvolvidos. O automóvel, citado pelo autor, simboliza esse poder de circulação. Além de ser um meio de transporte eficiente, o automóvel é uma técnica que simboliza não só uma amplificação na rede de circulação como também representa uma determinada posição social. Afinal, técnicas mais avançadas remetem a um status social mais abastado. Dessa forma, as luzes vibrantes de arranha-céus gigantescos alternados com meios de transportes em excesso, dão a aparência de poder, progresso. Mas há sempre um paradoxo, pois por trás dessa imagem urbana e seus vários caleidoscópios, existe o caráter humano, com complexos e diversos laços que muitas vezes são aviltados em razão da valorização demasiada do aspecto tecnológico. E aí que podemos constatar o brilhantismo de Santos, pois o autor sempre primou pela observação do aspecto material sem se esquecer nunca do caráter humano. Há sempre na obra dele uma preocupação em entender e explicar os modos de pensar e de agir da sociedade. Na verdade, a técnica encontra-se intrinsecamente ligada a "valores" eleitos pela sociedade, e se faz necessário o controle das técnicas, de modo que se tenha sempre um espaço planejado e que esteja de acordo com quem o ocupa.

Voltando a um eixo fundamental do pensamento de Milton Santos, ou seja, o espaço como resultado da interação entre sistema de objetos e sistema de ações, podemos abarcar no sistema dos objetos, as produções de elaboração social, com existência própria, mas dependentes das ações para terem a história própria, a partir dessa relação, os objetos vão ter sua complexidade, dada a seu uso e suas funções. Assim, é indispensável não dissociar os objetos das ações, que correspondem aos fluxos, aos atos em conjunto, a uma corrente de intervenções causais, revelando assim, a amplitude das ações humanas, aos quais dão as funções dos objetos, que em expressão contínua, apontam para o objeto geográfico. Nesse ciclo, o espaço completa-se numa relação de fixos e fluxos, e a configuração territorial deixa de ser simplesmente paisagem, englobando assim a natureza humanizada, e adquirindo um amplo sentido, garantido com as relações sociais.

A intencionalidade aparece também como importante elemento na compreensão do espaço. Nesse ponto, o autor enfatiza esse elemento como propulsor de transformação também; essa intencionalidade está relacionada com as ações humanas, ligadas aos anseios sociais, e tais ações estão constantemente modificando o espaço. Nesse contexto, o espaço é visto como uma sucessão entre formas e conteúdos, onde cada

conteúdo depende da forma que o abrigou e cada forma adquire existência empírica e filosófica ao se relacionar com algum conteúdo. Assim, forma e conteúdo se interagem e levam também a interação entre ação (e seu caráter intencional) e os objetos, na verdade, ambos se confundem, isto porque, durante cada processo de análise o sentido se dissolve e se recria, e esse processo de dissolução e recriação se dá pela divisão do trabalho, a qual transporta a um lugar novos conteúdos. Essa associação de conteúdos é feita com a participação dos eventos, aqui compreendidos como ações ocorridas em um tempo empiricizado e concreto, o resultado é a união de objetos a ações num processo que se desenrola promovendo a tão esperada união entre tempo e espaço.

Seguindo o pensamento de Milton Santos, vemos a preocupação do mesmo em manter o estudo geográfico concordante com o tempo presente, observando a atual organização do espaço, tendo em vista a desconstrução do mesmo e a re-criação do mesmo. Aqui é importante ressaltar as condições atuais de realização e transformação do espaço, onde o espaço se transforma e a tecnologia busca a implementação de uma inteligência planetária. Na verdade, os dias atuais apresentam uma rápida dispersão e divulgação de idéias, fatos, ações que aceleram a dinamicidade do espaço geográfico. Tem-se uma ampla interação de objetos e ações calcadas em normas, que configuram o chamado meio técnico-científico-informacional, onde a técnica mostra sua força modificadora do espaço como nunca. A aplicação de tecnologia de ponta (isto é cada vez mais possível, uma vez que o espaço geográfico encontra-se repletos de subespaços especializados em se produzir tecnologia - os tecnopólos) acarreta uma metamorfose espacial em pouquíssimo tempo e produz objetos cada vez mais eficazes, induzidos por ações mais carregadas de intencionalidade, além disso, conta-se com métodos científicos cada vez mais voltados à produção de objetos com precisão e eficácia, a fim de se obter um espaço cada vez mais dinâmico e funcional. E ligando tecnologia e ciência, temos a informação, englobando pesquisas, experiências e uma parafernália eletrônica que facilita a comunicação em todas as esferas.

Para concretizar esse meio técnico-científico-informacional temos as redes, responsáveis pela rápida propagação das inovações tecnológicas. Na verdade, as redes são infra-estruturas próprias para se transmitir matéria, energia e informações, sem perder por isso seu caráter social e político. São produtos da condição contemporânea das técnicas e apresentam de forma clara a interação da horizontalidade com a verticalidade. A verticalidade se revela no espaço dos fluxos, se distribuindo por pontos e tendo um papel regulador, revelando ainda influências de fatos passados na existência atual; a horizontalidade se pauta na contigüidade, abrangendo um aspecto humano envolvido pelas relações sociais do lugar, na verdade, há aqui uma ênfase às técnicas associadas à estrutura social.

Enquanto que a horizontalidade representa a produção em si, por exemplo, uma fábrica e sua produção in loco, e é feita por uma cooperação limitada, a verticalidade apresenta uma cooperação mais ampla, pois abarca a circulação, a distribuição e o consumo do que foi produzido in loco. Pode-se concluir que mais uma vez necessita-se de interação. Horizontalidade e verticalidade se completam, embora a tendência atual aponte para uma união dos lugares seguindo uma ordem vertical. Os créditos internacionais são disponibilizados para as áreas periféricas, de modo que as redes se fortaleçam e os fluxos sejam mais dinâmicos, velozes e atuantes, permitindo maior reprodução do capital; chegando a esses locais deprimidos economicamente, desordena os subespaços e os

reordena em benefício do capital. Mas como o espaço também tende a ser amplo e diverso, é possível haver também fortalecimento de lugares obedecendo a uma tendência horizontal, onde ações localmente construídas ampliam a coesão da sociedade civil, defendendo interesses coletivos. O que Santos pretende com isso, é reafirmar as várias facetas do espaço, e mais uma vez a interação e alternância entre todos os seus elementos formadores.

Além da presença das redes, os tempos atuais apontam para uma racionalidade do espaço, isto se dá pela utilização excessiva de técnicas. As técnicas seguem parâmetros de funcionamento (sem esquecer é claro, que podem ser alterados de acordo com cada região, ou ainda de acordo com a maneira que se aplica determinada técnica), e tendo esse caráter científico, não perdem por isso o aspecto filosófico. Sendo assim, técnicas e ações intencionais mais objetos funcionais revelam um racionalismo, fazendo do espaço um meio racional. O que temos em curso nos dias atuais é a tentativa de se difundir uma racionalidade hegemônica, constituindo territórios racionais e que facilitem a circulação e reprodução do capital.

Após fazer um amplo estudo da técnica como agente modificador do espaço e das interações desse espaço com ações e objetos, Milton Santos apresenta perspectivas interessantes acerca da evolução espacial a partir do que temos em curso na atualidade. Num primeiro aspecto abordado, leva-se em conta a nova configuração geopolítica atual, a economia está mais integrada em diferentes pontos do planeta, as informações circulam com maior fluidez e o comércio mundial está cada vez mais prático e rentável. E a tão falada globalização, que altera significativamente todas as estruturas espaciais. O espaço vive um momento singular, onde as interações do tipo local-local vão sendo substituídas gradativamente pelas relações do tipo local-global.

Passa-se a ter um mundo dotado de fluidez cada vez maior, veloz e com deslocamentos cada vez mais intensos e freqüentes. O espaço atinge uma movimentação *sui generis* e parte para uma fase paradoxal, onde fragmentação e integração convivem num mesmo lugar. Os lugares inclusive, ganham um papel de intermediário entre o Mundo e o Indivíduo. Aqui temos uma preocupação freqüente na obra de Milton Santos: o entendimento do espaço atual e como as interações se processam sem a desvalorização do aspecto humano.

A racionalidade volta a configurar entre os elementos espaciais, estabelecendo uma relação com o espaço, mas seguida da interação feita pelos símbolos e pela ação comunicacional, aliás, comunicar-se tem sido a tônica dos tempos atuais e as ações se mostram em intersubjetividade provenientes do caráter humano, além disso, essas ações se organizam em momentos que passam pelo "eu para mim mesmo", pelo "o outro para mim" e também pelo "eu para o outro", ou seja, a atualidade marcada pelos aspectos informacionais, embora seja dominada pelas técnicas, não exclui o elemento humano do processo.

É bem interessante frisar essa abordagem, pois mais uma vez mostra o poder de análise geográfico defendido pelo autor, onde todos os aspectos são levados em consideração, isto porque não se pode pensar num espaço isolado, nem mesmo no isolamento de um dos elementos formadores desse espaço dos demais, tudo interage, se comunica, participa ativamente na construção e reconstrução dos espaços. Como é formado por

diferentes elementos e em diversos níveis de participação, o espaço torna-se uno, mas também diferenciado, sendo assim um palco para ações humanas que redefinem o espaço, mas também o espaço acaba interferindo na definição dos atos humanos. E assim, seguem-se os processos de integração e fragmentação, metamorfoseando o espaço o tempo inteiro.

A consolidação do meio técnico-científico-informacional associa-se ao fenômeno de globalização, destruindo algumas velhas concepções e retomando outras. Nessa fase, temos dois pólos que podem exemplificar essa questão; de um lado, forças supranacionais buscando uma ampla integração regional, temos aí a construção de novos espaços visando quebrar as fronteiras nacionais, o que tornaria mais fácil a circulação do capital, e de outro lado, identidades nacionalistas promovendo rupturas políticas com áreas adjacentes, aspirando a uma formação de um território independente, configurando um exemplo claro de fragmentação. Mais uma vez, notam-se as disparidades e divergências dos subespaços que compõem o espaço-Terra. A complexidade das relações e dos laços humanos acabam por interferir de forma plena na redefinição do espaço, no cerne da questão, esses eventos humanos participam da elaboração e produção de objetos, a partir de uma dada técnica.

Não podemos esquecer, porém que o aspecto material e da verticalidade ainda pesa bastante no resultado final do processo, mas aqui, a influência da vizinhança e dos intercâmbios é preponderante na configuração espacial atual. A localidade se opõe à globalidade, em mais um dos paradoxos que povoam o pensamento geográfico, mas tal paradoxo se mostra bem aceitável, uma vez que a ambição maior do processo é o de apontar as discrepâncias, que mesmo contraditórias até em suas raízes, convivem e interagem entre si.

Nessa perspectiva, embora diferentes no seu significado, a localidade se confunde com a globalidade, no entanto, o entendimento da localidade se mostra mais palatável a priori, justamente pelo fato de apresentar o cotidiano, as idiosincrasias do lugar, os conflitos e a cooperação existentes na vida social. Apreendendo primeiramente o ideário do local pode tornar-se uma maneira de eficaz de se evoluir para a compreensão posterior do global. Não se trata aqui de uma separação didática, mas sim de uma estruturação que busca uma análise detalhada de espaços locais, que em conjunto e em plena interação conflui para uma visão holística do espaço.

Um outro aspecto conflitante na configuração atual do espaço está localizado nos fluxos populacionais. De um lado, contingentes dirigem-se rumo às metrópoles ansiando melhores oportunidades de trabalho, enquanto que o trabalho dirige-se a áreas menos desenvolvidas aspirando melhores condições para obtenção de lucros (subsídios, infraestrutura e mão-de-obra baratas etc.), revelando uma latente disparidade entre a procura e a oferta dentro do mundo do trabalho. O resultado disso é uma crescente massa de pessoas à margem do processo. O espaço revela em uma de suas facetas, os excluídos, os chamados pobres. Pobres estes, não esquecidos nos trabalhos de Milton Santos, este ao contrário, sempre fez questão de abordar a importância da classe menos abastada na configuração espacial.

Primeiro porque acabam participando do processo estético das cidades: as concentrações de pobres em áreas chamadas "cinzentas" da malha urbana expõem um mundo de

contrastes próprios do meio urbano, dessa forma, as formas "glamourizadas" dos grandes edifícios e viadutos são colocadas lado a lado com a realidade dura e cruel do subespaço dos pobres, revelando a verdadeira essência das cidades, áreas de contrastes em interação.

Segundo porque os pobres reinventam métodos de trabalho. Tal fato fica mais evidente nas áreas subdesenvolvidas do planeta, mas não deixa de existir também nas áreas centrais do modo capitalista de produção, isto faz com que o setor terciário da economia encontre-se em processo de hipertrofia, sobretudo pelo caráter informal do processo. Camelôs, sacoleiras, trabalhadores temporários, todos viram personagens de uma história escrita dia após dia, mudando as relações de trabalho, de hierarquização, de adaptação de técnicas, enfim, ações que modificam o subespaço urbano, que funciona como uma miniatura do sistema espacial global, o qual nada mais é que a somatória desses subespaços diferenciados espalhados em todo o espaço terráqueo.

A cidade sintetiza os contrastes, mas o campo também se encontra nessa situação, até mesmo porque o emprego maciço de técnicas acabou "urbanizando" o espaço agrário. Voltando a questão dos pobres, podemos entender a preocupação de Santos em abordar de forma minuciosa a ação dessa parcela da população. São importantes agentes de transformação espacial.

Outra colocação bem posta trata-se da nova perspectiva de se olhar o espaço. Em tempos idos, a velocidade era valorizada em todos os sentidos. Nos tempos atuais, a "lentidão" tem também o seu valor. De acordo com a obra analisada, o fato de se ter maior mobilidade em uma cidade, por exemplo, permite que se esquadrinhe a mesma, no entanto, em virtude da rapidez, a observação é feita de forma superficial, não percebendo a riqueza de detalhes expressos em cada parte da urbe: manifestações culturais, arquiteturas, histórias contadas em monumentos, movimentos sociais, migrações intensivas, tudo requer uma observação lenta e minuciosa para que se possa captar a essência do espaço estudado. A observação rápida acaba por racionalizar demais, totalizando e acomodando. Os pobres precisam observar esses aspectos como forma de entender melhor o caótico e ao mesmo tempo cósmico espaço que habitam. Entender o espaço e seus mecanismos serve como forma de se encarar e planejar o futuro. O espaço c de todos, uma vez que todos participam de sua construção, porém com o emprego de técnicas e elitização de boa parte das relações humanas, a desigualdade se mostra cada vez mais evidente, porém, a massa expropriada deve manter a luta de seus direitos de atuação e aproveitamento do espaço construído e a se construir.

Retomando o eixo que originou essa obra de Santos, temos a técnica influenciando ativamente na produção do espaço. O autor refaz o caminho percorrido durante o livro, abordando a função da técnica dentro do espaço que não pára de se transformar e reafirma conceitos fundamentais ao entendimento do mesmo. Não com o intuito de concluir sua obra, até porque a transformação do espaço é algo que não se conclui uma vez que o espaço vive sofrendo mutações; o intuito do autor aqui é o de apresentar perspectivas, onde o entendimento do espaço leva a uma melhor percepção de mundo e das relações coexistentes nele.

Aborda de forma clara a emergência cada vez mais consolidada do meio técnico-científico-informacional, buscando substituir o meio natural e o próprio meio técnico,

produzindo espaços da racionalidade e das ações globalizadas. Essa emergência se dá com o emprego das técnicas, que nas atuais circunstâncias, se mostra mais presente e atuante em todos os lugares do mundo, que relacionada com os atos humanos, cria-se uma ordem social planetária bem como novas relações entre espaço e tempo, unidos sob bases empíricas.

Além disso, Santos reafirma a remodelação do espaço, a interação de objetos e ações, e a sobreposição alternada de localidade e globalização. Com essa revisão e reafirmação de conceitos, passa-se a idéia de que na geografia, tudo está convivendo e interagindo, mesmo que com origem e significados diferentes. Esse é o ponto mais interessante desse livro escrito por Milton Santos, a interatividade entre elementos diversos, todos contribuindo para um melhor conhecimento do espaço. E mesmo em plena era global, há ainda lugar para o individual. Não só de empresas gigantes e governos internacionais se faz o espaço. Empresas de menor porte, territórios e estados nacionais ainda andam permeando o espaço global. O conflito não se extingue, pelo contrario, se mantém e muitas vezes se fortalece. A sociedade no meio disso tudo não fica passiva diante dos acontecimentos. E nem poderia, uma vez que é parte importante do espaço também.

Os escritos de Milton Santos nos permite ampliar as idéias, e a partir do seu texto, fazer inúmeras inferências a respeito do espaço e apresenta um panorama interessante do mundo globalizado, enfocando suas contradições, destacando as diferenciações de seus impactos e perspectivas.

Na verdade, Santos ao confrontar ordem global com ordem local, deixa uma idéia de que os caminhos tomados por cada país refletem as opções feitas pelas forças sociais e políticas internas, aparecendo aí a coordenação feita por seus estados nacionais. Para o autor, a desterritorialização total não existe, e nem significa globalização, o que há é uma fragmentação do território. Ou seja, enquanto o global parte para uma ordem "desterritorializada", o local busca a ordem que "reterritorializa". Com isso, temos mais um par de termos contraditórios que só adquirem significado pleno quando confrontados e postos em processo de interação.

Dessa forma, o autor conclui que cada lugar é resultado de um convívio dialético de uma razão global e outra razão local, nessa perspectiva, todos os componentes do espaço voltam à tona, e configuram objetos que vão de encontro a esse conflito e ao mesmo tempo convívio de termos divergentes e complementares.

Ao final da leitura dessa obra, pode-se concluir que a geografia ganha muito ao ter um objeto de estudo tão amplo e metamórfico. A disciplina geográfica, ao se basear nesse objeto mutante e ao mesmo tempo constante, já que possui sempre os mesmos elementos, o que muda aqui é a maneira desses elementos manifestarem, torna-se flexível e apta a explicar de forma mais segura os fenômenos do espaço. Hoje a ciência geográfica tem outra postura se comparada com épocas anteriores. A preocupação aqui é a de entender e explicar o espaço e suas variações, apoiando seu embasamento teórico-filosófico nas perspectivas do presente, mas se valendo também de fatos pretéritos, fazendo por que não, projeções para o futuro. O enfoque maior é dado às inovações técnicas e o impacto delas sobre os subespaços, às análises amplas que fogem da simples observação da paisagem, até porque essa paisagem evolui para espaço geográfico também à medida em que as relações e ações humanas se processam ali. O

enfoque atual foge ainda dos métodos excessivamente mnemônicos e parte para análises críticas que realmente contribuem para a humanidade se entender e se situar dentro do espaço em que está inserida.

Enfim, após a leitura fica claro que o conteúdo geográfico se faz de elementos contraditórios e divergentes, mas que se relacionam e não se dissociam, até porque a dissociação significaria ausência de sentido. Durante toda sua carreira, Milton Santos preocupou-se em abordar o espaço geográfico, confrontando-o com o território em si, com as ações e intencionalidade humanas, com as constantes transformações. Isto faz de suas obras importantes relatos analíticos e críticos, que favorecem uma leitura e uma interpretação do espaço sempre de forma transparente. Temos sempre abordagens interessantes em cada texto produzido pelo autor, que se destaca por incutir em cada aspecto físico, o caráter humano, juntando ambos e apresentando um espaço humanizado e interativo com o meio natural.

Nesta obra analisada, não é diferente, na qual o próprio título nos leva às idéias defendidas pelo autor: o espaço e o tempo estão unidos, não se pode pensar em espaço sem situá-lo no tempo (sempre lembrando que se trata do tempo empiricizado) e nem há um tempo pleno se não houver um espaço para esse tempo se concretizar. Além disso, ele apresenta os termos razão e emoção para completar esse título. Razão para simbolizar as técnicas, emoção para sintetizar o caráter humano. Tudo em concordância mesmo estando em forma de antíteses. Espaço e tempo, razão e emoção, elementos básicos para que se tenha uma verdadeira concepção dessa natureza do espaço geográfico.